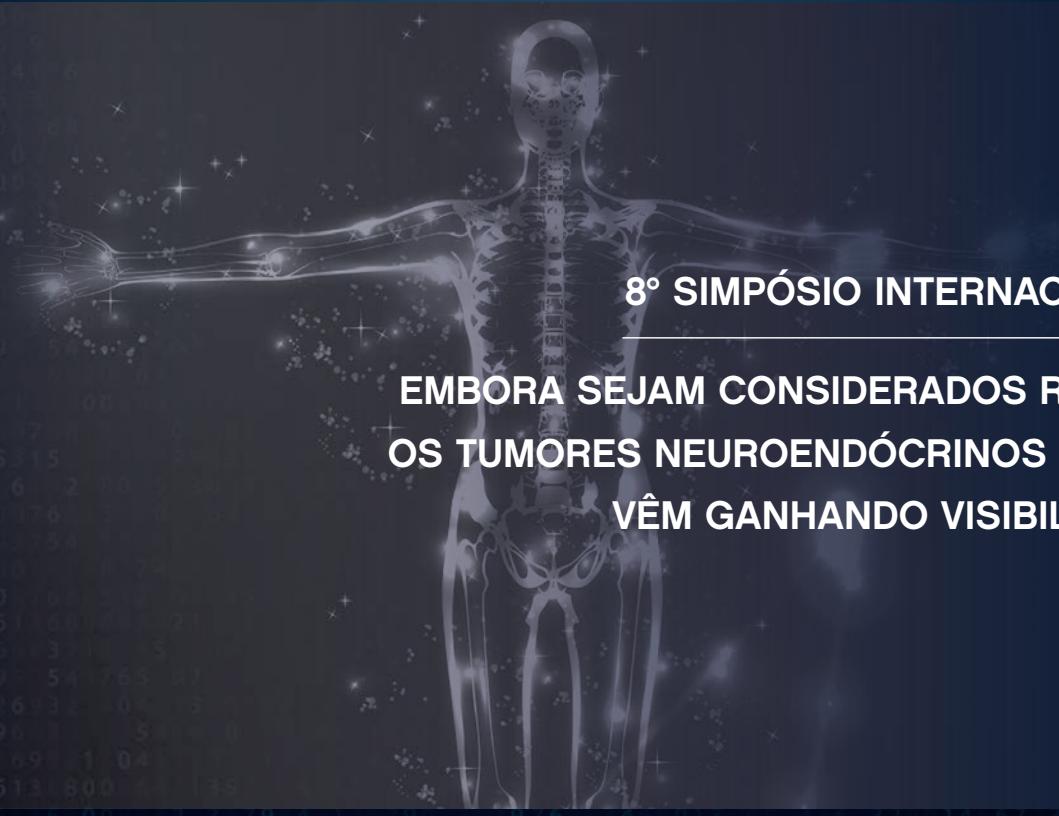


ONCOCLÍNICAS

 **JOURNAL**  
NEUROENDOCRINOLOGIA

Publicação médico-científica da Oncoclínicas

Edição Especial - Neuroendocrinologia - 8º Simpósio Internacional



**8º SIMPÓSIO INTERNACIONAL**

**EMBORA SEJAM CONSIDERADOS RAROS,  
OS TUMORES NEUROENDÓCRINOS (TNES)  
VÊM GANHANDO VISIBILIDADE**

## COMISSÃO CIENTÍFICA



**Bruno Ferrari**  
*Fundador e Presidente do Conselho de  
Administração do Grupo Oncoclínicas*



**Carlos Gil**  
*Presidente do Instituto Oncoclínicas*



**Sérgio Azevedo**  
*Coordenador Científico do  
8º Simpósio Internacional Oncoclínicas*



**Paula Ugalde**  
*Coordenadora Cirúrgica do  
8º Simpósio Internacional Oncoclínicas*

COLABOROU NESTA EDIÇÃO



Aline Chaves  
*Oncologista Clínica*  
*Oncocentro - Oncoclínicas MG*

## ÁREA: TUMORES NEUROENDÓCRINOS

### EMBORA SEJAM CONSIDERADOS RAROS, OS TUMORES NEUROENDÓCRINOS (TNEs) VÊM GANHANDO VISIBILIDADE

*A lentidão do desenvolvimento dos TNEs representa um perigo oculto, por isso a importância de os médicos conhecerem seus sinais diferenciais e diagnosticá-los precocemente.*

O dia 10 de novembro é marcado pela conscientização sobre os tumores neuroendócrinos (TNEs). A campanha é representada pela figura de uma zebra, em referência à expressão “deu zebra”, que exemplifica quão raros e de difícil diagnóstico são esses tumores.

Geralmente os médicos buscam por sintomas e evidências de doenças mais comumente observadas em suas práticas. Isso pode acarretar atraso no diagnóstico dos TNEs, já que seus sinais são semelhantes aos de outras enfermidades. A escolha da zebra como símbolo internacional dos tumores neuroendócrinos é uma maneira de lembrar aos profissionais de saúde que um conjunto de sintomas comuns pode ser também uma condição rara, portanto, todas as possibilidades devem ser consideradas, principalmente porque o diagnóstico precoce dos TNEs aumenta as chances de cura.

“Vamos imaginar a zebra (que representa os TNEs) e o cavalo (outras doenças). Eles fazem o mesmo barulho quando trotam, mas são animais diferentes. Ao ouvir um trote, as pessoas dificilmente o relacionam à zebra, que é um animal raro, e imediatamente pensam no cavalo. Essa metáfora se encaixa perfeitamente nesse cenário. Nós, médicos, ao analisarmos um conjunto de sinais e sintomas, precisamos pensar além do que é comum, buscando identificar as zebras”, exemplifica Aline Chaves, oncologista da Oncocentro - Oncoclínicas MG.

Em cada 100 mil indivíduos, de cinco a sete são diagnosticados com TNEs. Esses tumores podem acometer praticamente todos os órgãos, sendo mais frequentemente observados no tubo digestivo, no pulmão e no pâncreas. Em virtude do seu lento desenvolvimento, os sintomas demoram a surgir e, quando o fazem, estão, geralmente, associados ao órgão afetado,

dificultando seu diagnóstico preciso, já que pode ser confundido com outras doenças.

Neste ano, o 8º Simpósio Internacional do Grupo Oncoclínicas, que foi integralmente virtual, dedicou um painel específico aos TNEs, com participações de convidados internacionais, como Kymberly Perez, oncologista do Dana-Farber Cancer Institute e professora assistente de medicina da Harvard. “Ela abordou as tendências atuais no tratamento sistêmico dos carcinomas neuroendócrinos e ofereceu muitas dicas de regimes quimioterápicos”, conta Aline. A quimioterapia é utilizada de acordo com o sítio de origem como alternativa à tradicional combinação de platina e etoposídeo ou irinotecano. Alguns exemplos incluem os regimes à base de fluoropirimidas (FOLFOX, FOLFIRI ou FOLFIRINOX).

O algoritmo de tratamento dos TNEs do trato digestivo foi discutido por Renata Dalpino, oncologista do CPO - Oncoclínicas SP. Segundo Aline, ela discorreu sobre as opções terapêuticas mais adequadas e sobre o sequenciamento dos tumores pouco diferenciados: “Até o momento, a quimioterapia convencional ainda é a opção padrão para os casos de carcinomas neuroendócrinos. Porém, estudos com imunoterapia e drogas-alvo, direcionados

por painéis NGS, poderão se tornar aliados do limitado arsenal terapêutico atual.”

Na aula sobre os limites da abordagem cirúrgica nos carcinomas neuroendócrinos, a discussão foi centrada nas técnicas de ressecção: “Elas devem ser guiadas pelos subtipos dos TNEs, permitindo ressecções menores em tumores de baixo grau e assintomáticos. Nos casos mais agressivos, deve-se seguir as diretrizes de tratamento cirúrgico já existentes para o câncer de pulmão”, conta Aline. Em sua opinião, o clínico deve conhecer essas abordagens, pois através da discussão multidisciplinar com o cirurgião ele poderá identificar quais pacientes serão poupados das intervenções mais agressivas, com ressecções mais econômicas.

Em termos de perfil patológico e molecular dos TNEs, a reclassificação introduziu uma nova modalidade, com ki67 acima de 20%, o chamado tumor neuroendócrino grau III. Anteriormente todos os tumores com ki67 acima de 20% eram classificados como carcinomas neuroendócrinos. “Essa reclassificação é de extrema importância, pois permite que os tumores grau III sejam tratados de modo menos agressivo, seguindo os algoritmos dos tumores grau II”, comenta Aline. Isso poupa os pacientes de quimioterapias citotóxicas com agentes platínicos como opção de primeira linha.

Os achados incidentais dos TNEs representam os tumores diagnosticados por meio de achados endoscópicos. Eles geralmente são menores que 2 centímetros e podem ser tratados exclusivamente com ressecções endoscópicas ou minimamente invasivas e ser seguidos de maneira mais conservadora, evitando a realização de exames desnecessários. “A aula sobre esse tema no simpósio foi extremamente útil na orientação dos colegas da endoscopia e cirurgia quanto à melhor maneira de abordar e seguir os pacientes com TNE no que diz respeito às ressecções endoscópicas e cirúrgicas”, finaliza Aline.

## EXPEDIENTE

### **Publisher**

Simone Simon

### **Editora e jornalista responsável**

Daniela Barros (Mtb-SP: 39.311)

### **Curadoria**

Senso Comunicação - Moura Leite Netto

### **Reportagens**

Jiane Carvalho  
Mariana Lenharo

### **Marketing Médico Oncoclínicas**

Anna Carolina G. Cardim Azevedo  
Débora Castro Giraldi  
Renata Canuta Tenório

### **Arte e diagramação**

Paulo Henrique Azevedo Stabelino

### **Mídias digitais**

Ana Floripes Mendonça

### **Revisão**

Patrícia Cueva

## O 8º SIMPÓSIO INTERNACIONAL ONCOCLÍNICAS ACONTECEU INTEGRALMENTE EM FORMATO VIRTUAL

***A pandemia não foi um fator limitador para esse evento. Ao contrário, o investimento em inovações e na programação científica, com a inclusão de cirurgias conduzidas ao vivo, o tornou ainda mais distinto.***

O simpósio internacional anual do Grupo Oncoclínicas, em parceria com o Dana-Farber Cancer Institute, já se tornou uma tradição. Segundo Carlos Gil, presidente do Instituto Oncoclínicas e diretor científico do Grupo Oncoclínicas do Brasil, “o simpósio anual é o momento máximo do instituto”.

Durante sete anos, médicos de todo o país e dos Estados Unidos se reuniram presencialmente em um encontro que promove um amplo intercâmbio de experiências e aprendizado. No entanto, em 2020, momento em que a pandemia imposta pelo novo coronavírus trouxe tantos desafios e mudanças, o Grupo Oncoclínicas também precisou se adequar. Além dos novos protocolos adotados pelos seus centros em todas as cidades em que atua (“O Grupo teve uma resposta fantástica diante da pandemia, superior à dos hospitais de Boston, cidade em que atuo”, afirma Otto Metzger, oncologista clínico brasileiro que integra a equipe do Dana-

Farber), o simpósio também passou para um formato totalmente virtual.

Assim como nas edições anteriores, a programação do 8º Simpósio Internacional Oncoclínicas contou com diversos painéis temáticos para debater os últimos avanços da pesquisa clínica em oncologia. De acordo com o coordenador científico, Sérgio Azevedo, os principais objetivos desse encontro incluem os cuidados ao paciente como centro de toda atenção, educação médica e não médica continuada, relacionamento interprofissional e multidisciplinar e tecnologias da oncologia subespecializada e de precisão. “Dividimos o simpósio em 13 módulos simultâneos, representando as áreas do subprojeto de especialização do Grupo Oncoclínicas.”

Para o CEO do Grupo Oncoclínicas, Luis Natel, o 8º simpósio significa mais do que compartilhar conhecimento: “Para nós, a realização desse

encontro significa a síntese dos grandes aprendizados do ano de 2020”. E todo esse esforço valeu a pena, pois dele participaram mais de 5 mil pessoas de todo o país.

Ao todo foram 250 palestrantes (20 internacionais), responsáveis por ministrar as mais de 200 aulas. “Neste ano, em que completamos também dez anos do Grupo Oncoclínicas, abordamos no simpósio aquilo que fazemos diariamente em nossas clínicas, que são as melhores práticas, tecnologias, atendimento e atenção ao paciente oncológico”, diz Bruno Ferrari, fundador e presidente do conselho de administração do Grupo Oncoclínicas. Ele destaca também os temas envolvendo genômica e medicina de precisão, áreas que passaram por grande desenvolvimento nos dois últimos anos no Grupo.

Segundo Rodrigo Dienstmann, diretor médico do OC Precision Medicine, a medicina de precisão só tem sentido quando é um projeto de ponta a ponta: “A inovação deve estar presente dentro da linha de cuidado e da assistência oncológica para que o impacto seja o maior possível”. Ele explica que a medicina de precisão funciona como uma lente de aumento que possibilita ao médico enxergar as peculiaridades da doença, como por meio das tecnologias de sequenciamento, que identificam as alterações

moleculares específicas do tumor. “A partir do momento em que essas alterações são detectadas, precisamos saber qual caminho seguir. Por isso a importância de incluirmos esse tema em um evento como esse, para refletirmos com os colegas sobre como chegar à melhor tomada de decisão”, afirma Dienstmann.

Outra novidade deste ano foi a inclusão de seis cirurgias, realizadas ao vivo. Clínicos e cirurgiões tiveram a oportunidade de debater os procedimentos no cenário neoadjuvante, adjuvante e as combinações de terapias e cirurgias, inclusive a robótica. “A inclusão de grupos cirúrgicos representa um dos mais recentes avanços do conceito de medicina compartilhada”, comenta Azevedo. Paula Ugalde, cirurgiã torácica e líder da cirurgia do Grupo Oncoclínicas, explicou que o foco da programação cirúrgica foi a importância do tratamento multidisciplinar do câncer, com ênfase no que há atualmente em termos de tecnologia e inovação. “Um exemplo das cirurgias conduzidas ao vivo foi a nefrectomia parcial robótica, uma técnica bastante recente e ainda realizada em poucos centros”, diz.

Qualidade e excelência do atendimento sempre foram premissas do Grupo Oncoclínicas. Por isso, seu crescimento aconteceu reforçando

esse pilar e adicionando a sustentabilidade. A parceria com o Goldman Sachs Group, que se tornou sócio-controlador no ano de 2015, permitiu uma série de investimentos, que hoje se refletem no número de pacientes atendidos e nos significativos índices de sobrevida.

De acordo com David Castelblanco, responsável pela Divisão de Merchant Banking do Goldman Sachs Group, Inc. para a América Latina, um dos principais objetivos do Grupo Oncoclínicas é oferecer no Brasil o mesmo nível de atendimento que ocorre nos Estados Unidos: “Temos um Tumor Board composto pelos especialistas brasileiros e pelos americanos do Dana-Farber. Nele são discutidos os casos mais desafiadores. As condutas propostas são as mesmas utilizadas nos EUA, ofertando aos pacientes do Brasil o que há de mais moderno em terapias e condutas adotadas nos principais centros do mundo”.

Outra área que está sendo ampliada é a de radioterapia. Castelblanco contou que até o fim de 2020 o Grupo, que iniciou em 2010 com uma proposta integralmente clínica, terá 18 aparelhos de radioterapia de última geração. “Temos na equipe 35 rádio-oncologistas e 30 físicos médicos”, complementa.

Há cinco anos o Grupo atendia, anualmente, cerca de 30 mil pacientes. Hoje, são mais de 160 mil, acompanhados pelos 900 médicos nas 71 clínicas credenciadas.

Eric Winer, diretor de desenvolvimento clínico do Dana-Farber Cancer Institute, afirma que a parceria deles com o Grupo Oncoclínicas é muito importante. “O trabalho que fazemos não é limitado aos médicos. Temos também programas de treinamento para a equipe multidisciplinar, que inclui farmacêuticos e enfermeiros, com foco na qualidade do atendimento e na segurança do paciente”, relata.

Todos os avanços existentes na área da genômica permitem maior precisão em relação às anormalidades que impulsionam o crescimento tumoral. A individualização do tratamento, baseada no perfil molecular de cada paciente, oferece indícios do que esperar para o futuro da oncologia. “É por isso que nós, oncologistas, devemos nos atualizar sempre e cada vez mais. Não estamos simplesmente lidando com um câncer como o de mama, mas sim com um câncer de mama que abriga uma anormalidade bastante específica. Parcerias como essa entre o Grupo Oncoclínicas e o Dana-Farber em prol da educação são essenciais nesse cenário”, finaliza Winer.



 JOURNAL

INSTITUTO  
 ONCOCLINICAS

TENHA ACESSO A TODAS AS EDIÇÕES DO OC JOURNAL,  
ENTREVISTAS, BANCO DE AULAS DO SIMPÓSIO E A  
MUITOS OUTROS CONTEÚDOS CIENTÍFICOS:



[www.grupooncoclincas.com/ocjournal](http://www.grupooncoclincas.com/ocjournal)



[www.simposiooc.com.br](http://www.simposiooc.com.br)

*\*Acesse também por meio do QR Code.*

Realização:



Patrocínio:



## SÃO PAULO

Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 510

2º andar - Itaim Bibi - São Paulo - SP

CEP: 04543-906 - Tel.: 11 2678-7474